

# Espelhos da cultura: organizações patológicas da personalidade

## *Culture mirrors: pathological personality organizations*

Andréa De Dávide Ratto Morelli\*

### **Resumo**

O presente trabalho investiga a noção de organizações patológicas da personalidade, baseando-se principalmente nos pensamentos psicanalíticos de Rosenfeld, Meltzer e Steiner, através de um diálogo com manifestações culturais trazidas por dois filmes. Propõe conexões com ideias de Bion sobre o gêmeo imaginário, curiosidade, arrogância, estupidez e seus reflexos na cultura. As películas discutidas, *Birdman* e *Joker*, instigam a pensar sobre narcisismo e pulsão de morte, convidando a refletir sobre estas questões imortais.

**Palavras-chave:** Organizações patológicas da personalidade. Refúgios psíquicos. Sujeito não neurótico. Arrogância. Gêmeo imaginário. Mentalidades de suposto básico. Cultura.

### **Abstract**

*This paper investigates the notion of pathological personality organizations, based mainly on the psychoanalytic thinking of Rosenfeld, Meltzer and Steiner, through a dialogue with cultural manifestations brought by two motion pictures. It proposes connections with Bion's ideas about the imaginary twin, curiosity, arrogance, stupidity and their reflections on culture. The motion pictures discussed, Birdman and Joker, instigate thinking about issues on narcissism and death drive, inviting us to reflect on these immortal questions.*

**Keywords:** Pathological personality organizations. Psychic retreats. Non-neurotic subject. Arrogance. Imaginary twin. Basic assumptions. Culture.

---

\* Psiquiatra, Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI). Campinas, SP, Brasil. andreadr.morelli@gmail.com

## Abrindo espelhos

A arte é um espelho da, e para a cultura, podendo aguçar, sensibilizar, revolver e ampliar nossas percepções, ajudando a trazer do fundo de nossos seres algumas questões imortais. Cinema e internet têm ocupado fortemente a cena cultural, apoiados pela acessibilidade e rapidez com que alcançam multidões. Veiculam-se ideias, comportamentos, induzem-se opiniões? Prerrogativa de nosso milênio: a multiplicidade, a capacidade tecnológica de fabricar verossimilhança, permitindo difusão de narrativas, vivências e tendências humanas em escala planetária. Possibilita-se identificação com personagens e aventuras, compartilhando sonhos de matizes e naturezas próximos ao infinito.

O presente trabalho levanta questões dialogando com dois filmes, *Birdman* ou *A inesperada virtude da ignorância* e *Joker*, Coringa, tomados como espelhos da cultura. Trata-se de estudo seletivo, sem pretensão de avaliar aspectos artísticos, embora reconheça grandes qualidades nas películas; Apoiase em concepções psicanalíticas sobre organizações patológicas da personalidade, estudadas por Rosenfeld, Meltzer e Steiner; Investiga conexões com conceitos de gêmeo imaginário, curiosidade, arrogância e estupidez, propostos por Bion.

Os paradoxos do ser humano e de seu desenvolvimento cultural foram para Freud uma inspiração e um desafio, inseparável de inquietações e de imenso mal-estar (FREUD, 1930[1929]/1976). O desenvolvimento traz aumentos de capacidades, inclusive da de destruição, e Freud abre o debate: o desenvolvimento e as aquisições culturais poderiam ajudar a espécie a sobreviver, possibilitariam o encontro de meios para lidar, de modo menos precário, com a propensão humana à agressão e à destrutividade? As ameaças e a presença de guerras, que Freud testemunhou e sofreu ao longo de sua existência, seguem manifestas tanto pela propagação de doenças biológicas favorecidas pela globalização, quanto pela presença camuflada, negada, supercompensada ou racionalizada de lideranças tirânicas, mostrando a repetição compulsiva da destruição.

A constituição do Eu apresenta potências e dificuldades, a existência como ser individual e social é atravessada por questões que envolvem o narcisismo e interações saudáveis ou patológicas entre o Eu e o mundo. Sem negar a importância de contribuições apresentadas por Bauman, Lipovetsky e outros pensadores, este artigo faz um recorte através de compreensões de autores psicanalíticos. Não há pretensão de revisar todas as contribuições para o estudo das organizações patológicas da personalidade – e menos ainda sobre o narcisismo – dada a extensão dos temas. Também ficará fora de seu escopo um

aprofundamento das diferenças e imbricamentos entre agressividade e destrutividade, pelo mesmo motivo.

Freud (1921/1976) concorda em parte com os estudos de Le Bon, sobre fenômenos inconscientes evidenciados em grupo. O estar em grupo pode promover emersão de aspectos irracionais e primitivos; ocorrem inibição do intelecto, busca de identificação com o líder, renúncia a pensar individualmente e desejo de fusão à mentalidade grupal. A coesão do grupo se deve ao fato de que seus integrantes colocam um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do Eu, e através disso se identificam mutuamente e basicamente com o líder grupal. A identificação repousa nesse elemento inconsciente: o ideal do Eu, poderoso, o Supereu.

Posteriormente, em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930[1929]/1976) nos confronta com a existência de aspectos no ser humano que não são dignos de serem amados. Freud pensa que a disposição para o amor universal pela humanidade e pelo mundo não representa o ponto mais alto que o ser humano ou a cultura podem alcançar, e afirma:

Mesmo nessa etapa preliminar da discussão gostaria de apresentar minhas duas principais objeções a essa opinião. Um amor que não discrimina me parece privado de uma parte de seu próprio valor, por fazer uma injustiça a seu objeto e, em segundo lugar, nem todos os homens são dignos de amor (FREUD, 1930 [1929]/1976, p. 122-123).

Freud (*ibidem*) percebe que colocar um objeto como igual ou equivalente a qualquer outro, destitui o objeto de valor e de sentido. A incapacidade de discriminação, nivelando, substituindo tudo, faz a abolição/nega a importância das ligações e dos objetos, foge de forma maníaca da constituição e dos limites do Eu. Não se pode ser alguém se identificando com tudo e todos e para ser alguém é preciso ser amado como um ser individual e não como qualquer um.

Mesmo que culturalmente seja possível louvar alguma uniformidade, a uniformização do amor levaria à impossibilidade de elaborar qualquer luto, inclusive e principalmente, a situação edípica. Freud aponta para a necessidade de discriminação não como preconceito, mas como direito à existência individual, e como parte da capacidade de pensar realisticamente e ligar um ser humano a outro de forma responsável e verdadeira.

A aculturação não é suficiente para lidar com vários aspectos da vida pulsional, embora possa contribuir para isso. A presença na cultura e na vida pri-

vada da necessidade de lidar com questões que implicam condutas e aspectos indignos de amor, promove turbulência, expõe delicadezas, contradições e fragilidades da condição humana. Tal manejo, como Freud prevê, seguiria absolutamente desafiador. A vida afetiva implica trabalhar constantemente pulsões de vida e morte em interação contínua. A Psicanálise está inserida neste desafio tentando não se curvar à sedução de esclarecer tudo, nem fazer propostas meramente intelectuais. Aquilo que não merece amor não pode ser cuidado simplesmente por constatação, negação ou pusilanimidade. Poderíamos discernir o que merece amor?

No psiquismo humano a destrutividade é mais propensa a engendrar onipotência? No dizer de Freud: “eterno Eros’ seria capaz de revigorar suas forças na luta contra seu não menos imortal adversário?” (FREUD, 1931/1976 p. 171). A potência para destruir parece ser bem mais fácil de ser praticada do que a potência para construir. Vejamos se os ingredientes das tramas nos ajudam a pensar.

### ***Birdman e Joker***

*Birdman* estreou em 2014 e, em 2015 recebeu vários prêmios. O *Oscar* de melhor filme, melhor roteiro original, melhor diretor para Alexandre Iñárritu e melhor fotografia; Michael Keaton no papel principal ganhou em 2015 o *Globo de Ouro*, o *International Award*, e o *Critics Choice Award*, todos como melhor ator.

O filme descortina um panorama (pouco elogioso) do *showbusiness*. Comparecem à cena artistas, críticos de teatro, produtores e agentes envolvidos na produção de uma peça. As peripécias da vida artística são apresentadas amalgamadas à vida privada dos atores. Das franjas desse diálogo emerge verdadeiro caleidoscópio. *Birdman* evoca surpresa, sutileza e sensações de que quando tudo indica o cômico, a tragédia está próxima. Arrasta o espectador para pensar o palco humano com doses de cinismo, orgulho e competitividade, entre outros ingredientes.

A cena de abertura mostra o personagem de Keaton, Riggins Thomson no camarim, meditativo e sereno. Mas... nesse ambiente coisas são arremessadas e quebradas, sem que se saiba como, pois, o artista parece, suavemente, flutuar. Ao lado dele surge um homem-pássaro, que adverte Riggins sobre os erros de se envolver com uma peça teatral em vez de retomar as filmagens dele, o herói *Birdman*.

A voz e a presença de *Birdman* acompanhando Riggins trazem uma mistura que jamais parece heroica, mas soma graça, morbidade e angústia, criando um clima instigante, às vezes ligeiramente funesto. *Birdman* aconselha Riggins, tentando seduzi-lo para que volte a encarnar o personagem que fizera tanto sucesso. Mas é desse personagem que Riggins deseja – ou pensa desejar – afastar-se. Ele almeja ser reconhecido na Broadway, respeitado pela capacidade interpretativa, e produz uma peça. Passa por dificuldades financeiras, tem que lidar com a oposição de seu agente que tenta convencê-lo a refilmar continuações de *Birdman*, e o acusa de desperdiçar dinheiro.

Desenrolam-se momentos de tensão. Uma das atrizes da peça diz estar grávida de Riggins. Este tem uma filha jovem, que há pouco saiu de um tratamento de reabilitação por drogas e que lhe pede apoio. Há embates riquíssimos entre os personagens da peça que Riggins está produzindo, tanto no palco, quanto fora dele. Veem-se “Eus” inflados, sofridos, digladiando-se ou manipulando. Há mais disputas que parceria, mas a tensão é suavizada pelo humor, um tanto amargo, que circula pelo filme.

*Birdman* talvez possa ser comparado em termos de reflexão sobre fama, vaidade e poder, ao inesquecível *Cidadão Kane*. Os personagens lutam pelo estrelato, em périplos solitários através de suas barreiras narcísicas, e mostram dificuldades de estabelecer contato em graus variáveis. Atualíssimos, e até certo ponto contundentes, surgem avessos de poder e fama. O filme possibilita pensar sobre organizações intra, extra e interpéssicas, incluindo as de entretenimento, funcionando como organizações patológicas. Algumas são muito eficazes por manipularem mentalidades de *suposto básico* (BION, 1970).

Através do agente de Riggins sugere-se que produções que cultivam o escapismo podem arrecadar fortunas, oferecendo mais do mesmo às multidões que as prestigiam. Veem-se manipulações como um dos *modus operandi* da indústria de entretenimento, buscando lucros com filmes que oferecem ao público reedições da *mentalidade de luta e fuga* (BION, *ibidem*), indo pouco além disso.

*Joker* (Coringa) foi estrelado por Joaquin Phoenix sob direção de Todd Phillips, trazendo a Phoenix o *Oscar* de melhor ator em 2020. O filme conta o cotidiano difícil de Arthur Fleck, que vive de fazer performances como palhaço. Ele é tímido, tem problemas psíquicos, frequenta uma instituição onde recebe ajuda medicamentosa e fala com uma assistente social, que lhe dá pouca atenção. A instituição é fechada, lançando Arthur numa situação mais angustiante e solitária. Sua mãe, com quem mora, é doente e não proporciona apoio.

Além disso, Arthur tem crises de riso incontroláveis, por vezes em momentos impróprios. Sugere-se que seriam sequela de espancamentos na infância. A trama mostra situações em que Arthur é humilhado, maltratado e traído. Dele emanam mágoa e dor. Descobre-se que é adotivo, sofreu gravíssimos maus-tratos na infância, com a convivência materna. Em dado momento Arthur encontra cartas de sua mãe ao figurão para quem ela trabalhava, nas quais ela dizia que ele era pai de Arthur. Muito mobilizado, Arthur vai à casa de seu suposto pai. Através das grades da propriedade, vê um garotinho e então faz algumas brincadeiras, chamando a atenção da criança. Mas, tristemente, é afastado pelo mordomo que o vê com desconfiança. Cenas mais tarde, decepciona-se e se exaspera, descobrindo que fora adotado e que aquelas ideias e cartas eram fruto da doença mental de sua mãe. A dor maior talvez decorresse do fato de ter sido criado sob um embuste, e ter sido amado através da fantasia de ser o filho de um pai idealizado. Não seria possível amar uma criança por quem ela é, sem nutrir e acoplar a fantasia da grandiosidade?

O riso de Arthur não precisa ser imputado a dano orgânico, o dano psíquico é suficiente para justificá-lo. O riso ocorre frequentemente quando ele está desamparado, traço que marca sua existência. Suas gargalhadas expressam compulsão, histeria, amargura infinita, e certa mistura de sadomasoquismo. Ironia alterna-se com dor atroz. E paulatinamente parece levá-lo a regressir para uma equação onde estar no mundo implica destruir. Em vez de lutar para sobreviver e ter amor, ele passará a sobreviver para lutar e odiar.

Um após outro surgem personagens egoístas, cruéis, traiçoeiros ou estúpidos. A assistente social que o atendia parecia muito desinteressada e autoritária e, no entanto, Arthur não parecia capaz de buscar alternativas. Uma possível relação afetiva surge quando Arthur se sente atraído por sua vizinha. Aparentemente tem oportunidades para estar com ela, mas algo diferente de um encontro amoroso acontece.

O filme caminha para mostrar um panorama em que luta e fuga se encaixam (BION, 1970), sem contraponto. Após ser manipulado/traído por um colega, o que lhe resulta na perda do emprego, Arthur é desafiado, num trem, por um grupo que ameaça espancá-lo. Ele estava armado com um revólver e atira nos agressores. Esta defesa se inicia como algo justo, mas se desenvolve como um transbordamento, um *acting out* em que mata todos os agressores, em vez de ser limitada a assustá-los e fugir; a identificação com o agressor (FREUD, A., 1936/2006) faz seu quinhão – e um Supereu louco, seu descaminho.

O clima de sociedade fútil, egoísta e insana é onipresente, culminando com a humilhação de Arthur Fleck na TV no programa de um famoso come-

diante. Arthur desvela impecavelmente abissais sofrimentos e desamparo. Volta à TV e mata o comediante. Deste emaranhado de desesperos e mortes, surge *Joker*, sobrevivente/habitante de um refúgio psíquico, organização patológica que contamina tudo. Numa espécie de desforra, o Coringa sai às ruas destruindo e fazendo-se acompanhar de multidões que depredam a cidade, raivosas, como o deflagrar de uma pandemia de ódio.

### **Vertentes patológicas em organizações narcísicas**

Construir um Eu depende da presença de um objeto capaz de se sustentar numa função continente (BION, 1966), capaz de *reverie*, isto é, de estar em condição psíquica de acolher os conteúdos afetivos e mentais que o bebê ainda não pode tolerar sozinho, metabolizá-los e transformá-los em elementos psíquicos toleráveis e só então, transmiti-los de volta à criança. Isto proporciona ao bebê um acolhimento protetor, permitindo desenvolvimento sem exposição excessiva ao meio e a suas próprias limitações físicas e emocionais (WINNICOTT, 1978/1999). Tal presença deverá evoluir e adaptar-se às necessidades do bebê. Riviere (1982) afirma que tarefa fundamental do objeto é receber as projeções de tudo que for difícil para o Eu incipiente suportar. As pulsões de vida e de morte são uma incumbência que se apresenta ao bebê desde o início da vida. Por sua fragilidade, a criança sente-se ameaçada por cada necessidade: a provisão para sobreviver na ausência do objeto é muito pequena!

Riviere (*ibidem*) afirma que a força reiterada da pulsão de vida é exercida para lutar contra a pulsão de morte, que confronta o Eu todas as vezes em que há privação ou frustração. A fragilidade física e psíquica inicial do bebê acarreta um funcionamento muito próximo e quase equivalente de ambas as pulsões. Também por isso, algum grau de separação do objeto garante que se possa lançar a estas coisas desagradáveis, inclusive os próprios impulsos destrutivos, e estabelecer uma separação segura daquilo que é bom.

O processo de desenvolvimento, também ancorado na biologia, promove aumentos da libido, impulsionando a busca de satisfação, promovendo introdução de mais objetos. Simultaneamente, crescem tendências para controle agressivo e onipotente. A maior percepção decorrente do desenvolvimento permite à criança identificar mais ausências e separações e, entretanto, auxilia a estabelecer separações seguras entre bom e mau.

A preservação psíquica pode se tornar problemática se houver uso exagerado e rígido de projeção e introjeção. Riviere aponta que o problema da preservação *é o rochedo onde a projeção e a introjeção soçobram*.

Há necessidade de separar o bom: – satisfatório, protetor, do mau: – frustrante, causador de dor. Se ocorrerem exageradas projeções do que é mau, o Eu se enfraquece, pois a cada projeção ocorrem divisões nele. Isto aumentará sua dependência para com o objeto, além de limitar e empobrecer as capacidades do Eu em manejar seus conteúdos. Dificultará tolerar triangulações, prejudicando a elaboração edípica. E incrementará a internalização/construção de objetos ideais, distantes de objetos reais.

Objetos ideais são rígidos, não se adequam a diferentes contextos, não conseguem evoluir, e a proteção que oferecem não permite lidar com dificuldades por meios mais realistas. Acabam provocando necessidade de novas medidas onipotentes para lidar com os sofrimentos, podendo criar ciclos viciosos: paulatinamente pode-se caminhar para o enrijecimento desses funcionamentos, abrindo caminho para estados não neuróticos, *borderline*, organizações patológicas, e psicoses.

Um narcisismo saudável implica que houve experiências de gratificação suficientes para erotizar o sujeito e permitir a formação e identificação com um objeto bom no qual amor e ódio primitivos estão integrados (KLEIN, 1981; MINERBO, 2013). Este objeto permitirá e propiciará que várias funções do Eu se organizem, e exista um sentimento de *self* estável, com percepção de limites e convivência Eu/não Eu. Esta subjetividade bem constituída é neurótica.

Muitas adversidades podem prejudicar o estabelecimento de uma subjetividade neurótica. Alguns sujeitos ficam retidos em funcionamentos primitivos, não neuróticos<sup>1</sup>, podendo apresentar vasta gama de psicopatologias, cujo traço comum são falhas importantes na constituição do Eu (MINERBO, 2013). Quando se decepcionam ou sofrem, vivenciam isso como ataques. Incluem-se nesta categoria perturbações no investimento libidinal do *self*, bem como nas fronteiras e funções do Eu, isto é, há um narcisismo mal constituído e vários núcleos psicóticos, mais ou menos profundos. Na época em que dependiam muito do objeto não encontraram acolhimento, ajuste e/ou incentivo suficiente para alcançar e aceitar graus saudáveis e necessários de separação do objeto.

Sem um Eu minimamente robusto, predominam mecanismos esquizoparanoides, grande dependência para com o objeto, as triangulações são como ataques e há imensa dificuldade de elaborar e/ou transitar pela posição depres-

---

<sup>1</sup> Minerbo se refere à classificação de André Green, sobre neurótico e não neurótico.

siva (KLEIN, 1934/1981; BRITTON, 2003). O Supereu também é formado por objetos parciais e idealizados, é pouco humanizado e pode se tornar profundamente louco (MINERBO, 2013, 2019). A dependência para com o objeto pode ser substituída por dependência para com algum nicho/entidade cultural que dê suporte, fazendo papel de complemento vital, idealizado, que pode inclusive escravizar o sujeito (KLEIN, 1934/1981). O não neurótico vive sob ameaça de desintegração (MINERBO, 2019), e depende do objeto para que este restaure (temporariamente) seu Eu, ao passo que no narcisismo saudável ser um Eu não é a tragédia da ausência do outro.

Trabalhando com pacientes bem adoecidos, Rosenfeld (1988), descreveu tipos de organizações narcísicas destrutivas que podemos identificar como estruturas não neuróticas. Certos pacientes se vinculam ao analista valendo-se de intensas projeções, negando qualquer separação. Evitam assim dependência, mágoa, inveja ou ciúmes. Bion (1988) em *O gêmeo imaginário*, mostra uma configuração de relações entre analista e analisando em que se estabelece um interjogo de projeções criando verdadeiro emaranhado na situação analítica. Tal descrição remete ao que propõe Rosenfeld, uma parceria fusional que parece absoluta. Muito trabalho é requerido para desentranhar-se desses estados (PRADO, 1988).

A questão ou o conceito de narcisismo não são mencionados por Bion, mas o *gêmeo imaginário* emergiu de seu contato mental com pacientes graves, alguns muito psicóticos. Eles criavam relações muito primitivas exprimindo a incapacidade de tolerar um objeto que não estivesse totalmente sob seu controle. A função do gêmeo é negar uma realidade distinta da pessoa do próprio paciente. Assim, a alegoria de Narciso vem à baila, e pode-se desvelá-la em espelhos: gêmeo-duplo funcional, carregando projeções, confundindo identidades, paradoxalmente objeto externo e sujeito.

O gêmeo imaginário é uma descrição viva que se coaduna com a descrição de Rosenfeld de narcisista libidinal. Aspectos desejáveis são vividos como sendo do paciente ou dele e de seu analista, enquanto os indesejáveis seriam apenas do analista. Na infância este era um recurso protetor, típico da posição esquizoparanoide (KLEIN, 1946/1982; CINTRA; FIGUEIREDO, 2004). Experiências como separações, indulgência excessiva e, em especial, a falta de um ambiente de proteção e de contenção levarão à persistência dessas estruturas narcísicas (ROSENFELD, 1988).

Além deste narcisista e talvez como um gêmeo ao avesso, Rosenfeld (*ibidem*) descreve aquele paciente que não pode tolerar que haja algo bom no analista, e a ele se liga por um funcionamento contínuo de expulsar o indese-

jado e atacar abertamente o analista. Este Narciso não chegou aí pela culpa, mas por idealizar a destrutividade acreditando que ela o torna superior e absoluto, independente. E aí se nota o gêmeo: o analista é a parte que fica encarregada de portar a fragilidade, e os conteúdos que devem ser odiados.

As organizações narcisistas são *mafia like* (ROSENFELD, *ibidem*), uma de suas finalidades é manter a idealização dos poderes superiores do narcisismo destrutivo. As partes saudáveis do *self* podem ser coagidas a tornarem-se submissas, e partes onipotentes se disponibilizarão como protetoras. Se analista e paciente conseguem fazer algum movimento para mudar esse estado, a máfia pode se tornar ameaçadora. O analista tem de fazer um trabalho discreto, persistente, manter a fé no que pode ser tecido nas entrelinhas do psiquismo, abaixo da proibição imposta pela organização *mafia like*.

Rosenfeld não crê que essas organizações se devam exclusivamente à presença de um Supereu primitivo ou arcaico. Elas provêm de combinações mais sofisticadas, diferindo do Supereu primitivo que é rudimentar, mas não necessariamente destrutivo, e tem componentes amorosos. Outros elementos precisam ser adicionados a experiências primitivas do paciente para formar este Supereu.

Apenas de passagem, pela necessidade de concisão, traremos pequena descrição sobre a identificação projetiva subjacente ao gêmeo e às interações do narcisista com seu objeto. A identificação projetiva (KLEIN, 1946/1982; BION, 1988; CINTRA; FIGUEIREDO, 2004), comunica algo, e evoca algo no receptor. O que ocorre depois depende de a comunicação ter mais aspecto evacuativo – caso do narcisista e do gêmeo – ou mais comunicativo, e de o receptor poder metabolizar (BION, 1988) ou não o que lhe foi projetado. Para ser recolhida de volta, o receptor precisa devolvê-la modificada, mais compreensível, tolerável mentalmente, mas antes disso, tolerar pelo tempo que for preciso aquilo que recebeu... A identificação projetiva é fenômeno universal, não ocorrendo apenas na análise. Ela aparece continuamente nas interações interpessoais e seus diversos cruzamentos se fazem sentir em pequenos ou grandes grupos.

Do que temos colhido até agora, depreende-se que as organizações patológicas têm vários aspectos que se comportam ou têm traços de um Supereu. Meltzer (2008) propõe que muitas organizações defensivas patológicas são dominadas por aglomerações de objetos internos dotados de aspectos superegoicos, pseudoprotetores, esquizoparanoides. São objetos aglomerados, pouco integrados e, dependendo da situação, alguns se sobressaem, criando uma situação emocional que traz à tona condutas psicóticas, delírios, e toda sorte de confusões.

Bion notou que para tornar algo compreensível e pensável, e útil para perceber as realidades interna e externa, era preciso ligar ideias e conteúdos mentais de forma consistente e duradoura. Estas ligações são feitas por sentimentos e refeitas, mudadas, desfeitas ou distorcidas por eles. A estes vínculos Bion (1966), deu nome de amor (L), ódio (H), e conhecimento (K, *Knowledge*). Uma emoção de ódio, por exemplo, pode ser distorcida em hipocrisia; Meltzer (2008) propõe que uma organização mental se torna patológica pelo fato de ser repleta destas distorções, embora existam outros fatores. Elas tornam muito difícil ou impossível tolerar estados mentais e perceber o que são na verdade.

Atacar as ligações afetivas e distorcê-las pode fazer com que as ideias que veiculam tenham sua percepção muito prejudicada e funcionem de modo alterado e distorcido. Cria-se uma falência da verdade. Assim além da raiva que pode virar hipocrisia, até o conhecimento pode se tornar moralismo estúpido, obtuso ou vazio, o chamado filistinismo. E o amor pode se tornar algo puritano. Um espaço mental em que há tantas ligações deturpadas poderia levar ao que Meltzer chamou de claustro, em que seu habitante está preso e refugiado e não pode crescer nem amadurecer ou viver de verdade.

Há outra forma de pensar em organizações patológicas segundo Steiner. A partir da elaboração das ideias dos autores já citados e de sua rica experiência clínica, Steiner contribui mostrando que é possível viver com estabilidade em sistemas defensivos, criando um equilíbrio que se caracteriza por evitar tanto a posição esquizoparanoide quanto a depressiva (KLEIN, 1946/1982, 1934/1981). Estes sistemas são por ele chamados *refúgios psíquicos* e operam como uma terceira posição. O refúgio se formaria em situações de extremo desamparo e risco de desintegração. O Eu se fragmenta para evitar sofrimento e uma parte onipotente assume o comando. Esta parte cria a organização, a princípio produzindo nova divisão interna entre objetos bons e maus, diante do colapso da divisão sadia entre eles.

Alguns objetos passarão a parecer bons, outros terão um misto de partes boas e más. A organização mascara a natureza destrutiva desses objetos e oferece uma falsa continência, tendo um viés maníaco. Serve como proteção contra a destrutividade que engendrou o colapso sendo, contudo, sua herdeira.

Tal organização nem sempre domina completamente a personalidade e permanece latente, podendo ser acionada quando há desamparo ou sofrimento grave, e abandonada assim que a crise passe. Porém, a organização pode abarcar a personalidade e cooptar partes sadias. Refúgios e claustros (MELTZER, 2008) permitem estabilidade e as partes onipotentes que constituem a organização se tornam aceitas pelo Eu. Já vimos que ligações distorcidas man-

têm a organização, e Steiner frisa ainda que existem relações perversas entre partes saudáveis do Eu e partes organizadas no refúgio.

A humanidade evoluiu de modos de vida muito primitivos, instaurando a cultura após a morte do pai primal. Freud (1913/1974) nos mostra aspectos atávicos em nossa natureza e propõe que muitas vezes podemos ser liderados por eles. Algumas organizações culturais se baseiam em obediência cega, e em ditames de um Supereu cruel e louco. Muitas se constituem em máfias, ou claustros. Se alguém pretender sair ou mudar, poderá ser castigado, perseguido ou morto.

Por outro lado, talvez em conexão com as ideias sobre as origens tribais do homem e ancorado fortemente em sua própria experiência com grupos, Bion propõe a existência de uma mente primordial pré-cultural, cujo funcionamento é necessário à sobrevivência, e antecede e dá suporte à evolução. As *mentalidades de suposto básico* (BION, 1970; ZIMERMAN, 2004) são: a de luta e fuga que nos permitem ataque e defesa: a *de dependência* que incita formar rebanhos e buscar proteção; e a de *acasalamento* que estimula a reproduzir-se, esperar que nasça um salvador (também chamada *esperança messiânica*).

Por esta origem natural, pois tais comportamentos não são apenas patrimônio humano, qualquer filme de luta e fuga, por exemplo, é facilmente compreensível e aceitável, afinal, todos trazemos a premência de sobreviver, a angústia de morrer ou sermos destruídos ou ficarmos à mercê de um outro sem misericórdia. Por esta origem e pelo fato de a nossa mente conter a tendência a funcionar de forma protopsíquica, também podemos nos submeter a organizações e grupos precários ou adoecidos, baseados em supostos de dependência e de luta e fuga, e ainda de acasalamento.

### *Discussão*

A cultura oferta desde narrativas simples até sofisticadas, nas quais os ecos da ancestralidade podem ser ouvidos. Ao assistir um filme somos convocados, os artistas portam mensagens e nos fazem receber suas “projeções”; somos alvos voluntários ou não no escurinho do cinema e nas trevas do nosso inconsciente.

No teatro grego *Persona* era uma máscara que garantia ao ator uma caracterização definida, evitando que aspectos pessoais interferissem com a mensagem que ele devia transmitir. A caracterização do homem-pássaro, remete a esta máscara que obriga seu portador a seguir/ser o *script*. Sugere um Eu idealizado, em consonância com aspectos tirânicos do Supereu, um pouco ridícu-

lo, talvez tosco, sugerindo algo obtuso. Seu efeito é poderoso, Riggins não pode abraçar a carreira teatral, tem que se manter na Persona. Para estar no teatro precisaria sair da organização tirânica, ou das organizações tirânicas, como a dos críticos de arte. O tom um pouco cômico da película suaviza, mas pontua o lado perverso e tirânico do *showbusiness*.

O ator de teatro que mais contracenava com Riggins é outra Persona vaidosa. Considera-se tão capaz, ou tão acima do que está fazendo, que vai ensaiar embriagado, e esnoba, humilha Riggins e não se entrosa com o elenco do qual é parte. É triunfante, autoindulgente, parece crer que é o melhor – numa excelente performance de mecanismos maníacos, tão bem descritos por Klein (1934/1981). Podemos aproximá-lo ao narcisista libidinal, porém flertando como o destrutivo: tenta abalar a autoestima dos demais, manipulando, desprezando, sendo ácido. Mostra bem a transformação do ódio (MELTZER, 2008) em tóxica ironia.

Já a crítica de arte com quem Riggins tenta conversar, é ainda mais contundente. Ela está interessada em falar com ele, para trazer seu desprezo! Sente-se aí mais um pouco das capacidades melífluas do Supereu sádico. Seu moralismo (MELTZER, *ibidem*) parece defender a arte, mas ela quer proteger seu feudo e apenas desclassifica o que não quer aceitar ou conhecer. Não pode ser sincera em seu ódio, e seu puritanismo (MELTZER, *ibidem*) mostra uma forma de odiar a arte, disfarçada de amor a ela. Avisa Riggins que irá destruí-lo: suas pérolas Superegoicas não concedem a um ator de *blockbusters* qualquer chance. Ela poderia ser pictografada (FERRO, 2000), como uma harpia atacando o homem pássaro. Age com voz totalitária dividindo tudo em muito bom ou muito mau: ela saberia exatamente qual é cada um. Maus seriam aqueles que não fazem parte de seu grupo, não seguiram a linha que ela aprova. A tríade descrita por Bion: curiosidade, arrogância e estupidez está presente, bem como a organização *mafia-like*.

A figura do homem pássaro parecendo protetora é boa metáfora para os aspectos persuasivos dos objetos que compõem a organização tipo refúgio ou máfia. Parecem protetores e continentes, empenhados em cuidar de Riggins, não deixando que ele os abandone. Onipotente, *Birdman* exhibe algo *kitsch* e cafona, talvez um objeto que não pode ser psíquico, não serve para pensar (elemento  $\beta$ ) (BION, 1966), tem de ser alucinado. É corporificação atormentadora que vai seduzir e finalmente reduzir Riggins a um voo solitário, que lhe custa a vida.

Desde o início do filme vemos refúgios: o camarim de Riggins, onde ele e objetos –inclusive bizarros – flutuam e interagem, os corredores do teatro, o

cenário, o palco. Mas não a filha de Riggens. Ela é alguém tentando refazer sua vida, sem flertes com onipotência, tentando sair de um refúgio. Egressa de uma internação por abuso de drogas, procura suporte reconstruindo alguns laços afetivos. Porém Riggens, amarrado a suas personas, perde a chance de se envolver suficientemente na relação com ela.

*Birdman* seria um retrato cultural para o gêmeo imaginário, fruto de aspectos adoecidos do Supereu, ou melhor, de aspectos aglomerados de restos superegoicos (MELTZER, 2008; STEINER, 1997/2011), que vão adquirindo rigidez, acrescidos de vieses culturais, isto é, com a conivência de partes do Eu. Ligam Riggens umbilicalmente a um herói onipotente que toma o espaço do que poderia ser um herói humanizado, seu personagem na peça. Traz a questão: que tipo de herói é necessário, ou pode ser encontrado? A grife *Birdman* já trazia produtos que além do dinheiro, estimulavam consumo de identificadores de status e poder, do tipo que dita o que se deve usar, a que claustro cultural se deve pertencer...

Durante a peça o personagem de Riggens comete suicídio e usa – acidentalmente? – um revólver carregado, atingindo a si mesmo. Quanto de desejo inconsciente pela morte que silenciaria rígidos Supereus e acachapantes organizações – dele, da mídia, dos críticos de arte – se expressaria aí? E quanto do desejo de expressar o Eu que sucumbe diante de tantas exigências? Riggens tenta, talvez heroicamente, se livrar do peso do personagem escapista, criar trajetória. Não consegue. O último voo de *Birdman* sugere uma formação de compromisso com a onipotência maníaca que o sustenta, e a luta para limitá-la. A grande luta, heroica por ser humana apenas, seria continuar vivo, enfrentando o diálogo com as onipotências em si e nos outros.

Estudioso de instituições, David Armstrong (2005), aponta que em todas elas, incluindo as de Psicanalistas, existe a tendência a serem solapadas por mentalidades de *suposto básico*. As organizações têm tendência a adoecerem, transformando-se em organizações patológicas, coagindo e exercendo falsos moralismos. O funcionamento de suposto básico emergirá, podendo se tornar a tônica, mesmo que bem disfarçado sob racionalizações. Seguir trabalhando requer muita capacidade para pensar, com toda a dor que suscita. Um *insight*, quando formulado em uma análise, pode trazer dor por expor algum aspecto dependente ou pouco evoluído do paciente (STEINER, 2011). A dor da exposição da cultura pode ser constrangedora ou esmagadora.

*Joker*, ou *Coringa* traz outros exemplos de organização patológica. Mostra Arthur, vitimado íntima e socialmente, que para se defender de abusos inúmeros, se recolhe ao refúgio. Ele é bastante não neurótico, com imensas dificulda-

des na constituição do *self*. A mãe parece ter contribuído muito para isto. Aparece ser psicótica, não enxergar o filho, e transmitir a ele o anseio por objetos idealizados, jamais encontráveis e, se encontrados, pouco humanos. Arthur percebe que a mãe o enganara ao longo de sua vida. Esta parece ser a maior tragédia: a inconsistência do amor e do apoio mínimo do objeto fundamental e talvez o único que estivera presente. Meltzer (2008) assinala que algumas crianças são induzidas a entrar num claustro em seus objetos internos, convocadas a isso por seus próprios pais ou cuidadores. Seria muito difícil resistir, pois a pressão do objeto é enorme sobre a criança dependente. Isto facilita que a identidade do sujeito possa se atrelar ao objeto interno e a seu claustro.

Em alguma medida, todas as pessoas têm parcelas de identidade ligadas a algum objeto interno coabitando um claustro (MELTZER, *ibidem*). Dependendo do tipo de claustro e da relação com esse objeto, pode-se ter vivências paradisíacas, de controle, possessão, perseguição, inclusive levando à claustrofobia. E há identidades que estão amplamente sequestradas para claustros de seus objetos internos, neles vivendo boa parte da vida.

A persona *Joker* mostra de início um narcisismo libidinal, que vai sendo sobrepujado por sua versão mais destrutiva (ROSENFELD, 1988; FIGUEIREDO, 2009). Em que pese o fato de o excluído e maltratado merecer justiça, a forma com a qual esta é exercida pode se tornar exagerada e abusiva. Uma organização patológica pode se disfarçar de redentora purificando, ao gosto moralista, tudo o que puder. Isto sugere que a *mentalidade de suposto básico* acaba por prevalecer, que o excluído deseja excluir e tem de fazê-lo. A luta ou fuga, a dependência de um guia messiânico, comparecem como substitutos da capacidade de pensar e como saída “gloriosa”.

O filme mostra a futilidade, a estupidez, a curiosidade mal-intencionada (BION, 1988), a inconsistência de vários objetos, mãe insuficientemente boa (WINNICOTT, 1978), colegas de trabalho traiçoeiros, preconceituosos, figuras de sucesso narcísicas e estúpidas. A mistura desses ingredientes, ao lado da ausência de objetos confiáveis (FIGUEIREDO, 2007) facilita a emersão de aspectos cada vez mais destrutivos em todos aqueles que estão nesse emaranhado. Nenhum objeto bom ganha relevância. Sequências que lembram repetições compulsivas reiteram situações esquizoparanoides. Arthur exhibe um Supereu paranoico (MINERBO, 2015), que parece criar a equação simbólica de que ao matar escapa-se de si mesmo.

Quando enamorado, Arthur também tem problemas. Numa cena ele e a moça por quem está interessado estão num elevador, trocando palavras e olhares que sugerem reciprocidade. Seguem-se cenas de afetividade e envolvimen-

to mútuo. A trama corta para outras cenas, carregadas de conflitos. Depois Arthur surge invadindo o apartamento da garota. O espectador percebe que o envolvimento amoroso fora apenas imaginação. A garota não o acolhe, só mostra medo, e implora que ele saia de sua casa.

O mundo de Arthur surge povoado por objetos que imitam algo bom, têm mesclas de destrutividade e remetem a aglomerados de elementos  $\beta$ , que são experiências não digeridas, arremedam pensamentos, mas não se prestam a pensar e têm características superegoicas (MELTZER, 2008). Promovem dificuldades simbólicas e atuações. Arthur não consegue abrir caminho pela realidade e buscar a relação com a moça desejada. A ilusão, e/ou alucinose (BION, 1988) parece ter drenado tudo, extinguindo o ânimo para cultivar ações em direção a seu objeto de amor. Arthur transita por claustros: ora no refúgio paradisíaco no colo do objeto (MELTZER, 2008), ou expulso dele, para se esfacelar.

A começar pelo nome, nosso Coringa padece de não ser. Não houve continência, *reverie* externa ou interna que permitisse e nutrisse desenvolvimentos consistentes para o Eu. No entanto, quando a relação com a moça não dá certo, Arthur não reage brutalmente. Afasta-se, como se a negativa do amor devesse ser respeitada, ou como se soubesse, inconscientemente, que cultivar/encontrar amor implica necessariamente longas elaborações. No amor não valem coringas, é preciso ser Arthur, e tolerar a verdade na posição depressiva.

O gêmeo do palhaço simpático, *Joker*, sorri e ataca. Um objeto pseudoprotetor o governa. A falsa continência (STEINER, 1997) oferecida pelos mecanismos maníacos e psicopáticos (STEINER, 1997; ALVAREZ, 2002) tamponam a fragilidade do ego, violência mimetiza proteção. O refúgio assim construído afasta sentimentos de persecutoriedade: onipotência e outras defesas borram esse contato, e impedem vivências depressivas. Refúgios se nutrem de exclusões e excisões na personalidade e as perpetuam.

## **Espelhando em obsidiana, à guisa de conclusão**

Espelhos de obsidiana são escuros, brilham intensamente e atribuía-se a eles propriedades de mostrar a alma, adequados para refletir – parafraseando Grotstein – fachos de intensa escuridão.

Retomando o mal-estar de Freud diante da precariedade de respostas da cultura ao manejo de componentes destrutivos, perguntamos: que faremos diante dos espelhos? A desfusão pulsional estaria fazendo sucesso neles? Os

filmes estudados mostram muito dessa desfução, oferecendo racionalizações em que exageros de ódio se justificam. Steiner (2011) aponta que algumas exigências de compensação não expressam desejo de justiça. Disfarçam excesso de voracidade e necessidade de subjugar e retaliar desmedidos e paranoicos. Estaríamos vivendo esse tipo de pandemia, “*Birdman-Joker*”? Epidemias de falsa continência, falsa *reverie* e elogios ao ódio reiterando supostos básicos. Ao sofrer com doenças biológicas espalhadas pelo globo, avassaladoras mentalidades de suposto básico viriam para ficar, apoiadas/justificadas pelo medo disseminado? Por quantas epidemias passaremos?

Nas películas, a destrutividade tem aspectos sedutores sugerindo uma comunhão com o poder de organizações patológicas e o aceno ao jugo do outro parecendo necessários. *Birdman* e *Joker* impactam, fascinam: desnudam aflições e desumanização. A morte de Riggens e a transformação de Arthur em *Joker* fazem refletir sobre rumos de conflitos narcísicos: como sustentar sua face insustentável? Organizações patológicas solapam a esperança de que crianças, com direito a incluir em seus sonhos super-heróis ou coringas, possam sorrir sem medo.

Ao olhar para a violência, ódio e radicalismo, é preciso muito esforço para não deslizar para misturas de curiosidade, arrogância e estupidez. Bion (1988) propõe que tal composição de fatores na personalidade demonstra fracasso psíquico. Não há condições de suportar a realidade, mas algo simula isso. Pseudocompreensões são reproduzíveis na cultura, podendo ser oferecidas, mimetizando continência e consciência.

A Dra. Ilany Kogan, em vídeo veiculado recentemente pela IPA (2021), comenta o fascínio que as personalidades narcísicas exercem na cultura. Ela aponta que o narcisismo ainda que totalmente aético é atraente e coopta muitos pela identificação que propicia inconscientemente com um poder infinito, dominando o universo.

A curiosidade de entender e alcançar *insight* precisa ser elaborada, pois essa busca pode se transformar em arrogância. A cultura pode seduzir – inclusive a cultura psicanalítica – para papéis que parecem bondosos, mas podem estar desprovidos da continência e *reverie* necessárias para lidar com a destrutividade sem ignorá-la ou maquiá-la. Que tipo de discernimento seria necessário? Seria possível enfrentar a sedução do puritanismo, do moralismo, e transformar? (FIGUEIREDO; RIBEIRO; TAMBURINO, 2011).

Trabalhando muito tempo com crianças violentas com graves aspectos destrutivos Anne Alvarez (2002, 2021) aprendeu que tais crianças dominadas por agressividade, viam seus pais e cuidadores como estúpidos, rasos, medro-

sos e desprezavam-nos. Essas crianças notavam que muitos adultos eram incapazes de enxergar e olhar de frente sua destrutividade, sem diminuir a gravidade dela. Trabalhar com essas crianças tornava necessário que o terapeuta encarasse sua destrutividade realisticamente sem reprová-la, negá-la ou mostrar crenças de que aquilo era apenas primitivismo, ou falta de compreensão e de que eram crianças boazinhas.

O grande espelho do cinema trouxe com *Birdman* e *Joker* a atualização urgente de facetas da cultura. Olhamos destrutividades se deslindando no caleidoscópio, o pássaro e o coringa em gemelaridade complementar: distorções das capacidades de se vincular, embrutecimento, ódio à verdade. Em algum momento é preciso olhar a destrutividade de frente, tentando não o fazer de forma curiosa, arrogante ou estúpida. Espera-se que a cultura acolha o excluído, o incompreendido, o agressivo, o que destrói – e procure cuidar. Também se espera que a cultura trabalhe e abra vias para identificar, pensar e possibilitar lidas realistas com a sedução onipotente e a crueldade que eles possam produzir e justificar. Talvez estas últimas sejam insidiosas endemias.

### Tramitação

Recebido 19/04/2022

Aprovado 04/05/2022

### Referências

ALVAREZ, A. *Una presencia que da vida. Psicoterapia psicoanalítica con niños autistas, borderline, deprivados y víctimas de abuso sexual*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, S.L. 2002.

\_\_\_\_\_. *O coração pensante*. São Paulo: Blucher, 2021.

ARMSTRONG, D. *Organization in mind*. London: Karnac Books, 2005.

BION, W. R. *Os elementos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

\_\_\_\_\_. *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

\_\_\_\_\_. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

BIRDMAN (ou a inesperada virtude da ignorância). Direção: Alejandro González Iñárritu. Produção de Regency Enterprises, 2014.

BRITTON, R. *Crença e imaginação*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

- CINTRA, E. M. U.; FIGUEIREDO, L. C. *Melanie Klein, estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.
- FERRO, A. *A psicanálise como literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- FIGUEIREDO, L. C. A experiência de confiar na clínica e no plano da cultura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 41, n. 3, 2007.
- \_\_\_\_\_. *As diversas faces do cuidar*. São Paulo: Escuta, 2009.
- FIGUEIREDO, L. C.; RIBEIRO, M.; TAMBURINO, G. *Bion em nove lições: lendo transformações*. São Paulo: Escuta, 2011.
- FREUD, A. (1936). *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FREUD, S. (1913). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 170-191. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).
- \_\_\_\_\_. (1921). *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 91-112.
- \_\_\_\_\_. (1930[1929]). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 81-171.
- JOKER (Coringa). Direção: Todd Phillips. Produção de Village Roadshow Pictures, DC Films, Sikelia Productions, Joint Effort Productions and Green Hat Films, 2019.
- KLEIN, M. (1934). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: \_\_\_\_\_. *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1981. p. 355-389.
- \_\_\_\_\_. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: \_\_\_\_\_. *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 313-343.
- KOGAN, I. *Narcissistic fantasies in film and fiction sisters of the universe*. Palestra no YouTube, IPA, 2020. Disponível em: <<https://www.ipa.world/>>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- MELTZER, D. *The claustrium: an investigation of claustrophobic phenomena*. London: Karnac Books, 2008.
- MINERBO, M. *Neurose e não neurose*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Ed. Blucher, 2019.
- PRADO, M. P. A. *Narcisismo e estados de entranhamento*. Rio de Janeiro: Ed Imago, 1988.
- RIVIERE, J. Sobre a gênese do conflito psíquico nos primórdios da infância. In: \_\_\_\_\_. *Os progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ROSENFELD, H. *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 119-166.

STEINER, J. *Refúgios psíquicos – Organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiros*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. *Seeing and being seen emerging from a psychic retreat*. Routledge; Taylor & Francis Group: London, 2011.

WINNICOTT, D. (1952). Ansiedade associada a insegurança. In: \_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed, 1978. p. 205-210.

\_\_\_\_\_. (1957). A contribuição da mãe para a sociedade In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 117-122.

ZIMERMAN, D. E. *Bion da teoria à prática*. Porto Alegre: Artmed, 2004.